

**Origens e formação do Seminário Teológico de Westminster:  
uma busca pela preservação do protestantismo reformado  
conservador na América**

Origins and establishment of the Westminster Theological Seminary: a search for  
the preservation of the conservative reformed Protestantism in America

*Andréa Silveira de Souza\**

Resumo

Este artigo dedica-se a uma discussão acerca da importância do Seminário Teológico de Westminster no campo religioso evangélico americano, considerado aqui como uma das instituições nas quais se formaram grandes nomes da teologia evangélica e fundamentalista americana na primeira metade do século XX. Nosso esforço consiste em delinear a identidade teológica do seminário, bem como a sua história. Para tanto, apresento, em linhas gerais, um histórico do seminário em que, parte da sua origem, passa pelos momentos de crise e reestruturação, essenciais para a consolidação desta instituição e para a nossa compreensão da perspectiva teológica e da visão de mundo que a identifica. Neste sentido, cremos que seja importante responder a questões como: O que é Westminster? Qual a sua importância para o protestantismo americano?

Palavras-chave: Campo religioso americano. Evangelicalismo. Fundamentalismo evangélico. Ortodoxia reformada. Protestantismo.

Abstract

This paper aims to discuss the importance of the Westminster Theological Seminary in the American evangelical religious field, considered here as one of the institutions in which great names of the American evangelical and fundamentalist theology were formed in the first half of the twentieth century. Our effort is to outline the theological identity of the seminary as well as its history. Thus, I show, in a general way, a history of the Seminary, in which parts of its origin go through moments of crisis and restructuring, essential for the consolidation of this institution and for our understanding of the theological perspective and the world view that identifies it. Therefore, we regard as important to answer questions such as: what is Westminster? How important is it to the American Protestantism?

Keywords: American religious field. Evangelicalism. Evangelical fundamentalism. Reformed orthodoxy. Protestantism.

---

\* Doutora em Ciência da Religião (UFJF). Professora Substituta – Ensino de Ciência da Religião/Ensino Religioso. Departamento de Educação – FACED. E-mail: andrea\_silveira@yahoo.com

## **Introdução**

O presente estudo é parte dos resultados de pesquisa de doutoramento em Ciência da Religião, desenvolvida no âmbito do Programa de Pós-graduação em Ciência da Religião da Universidade Federal de Juiz de Fora. A tese intitulada *O legado fundamentalista do Seminário Teológico de Westminster: reformistas x reconstrucionistas no espaço público americano*, diz respeito às relações entre política e religião no espaço público americano e teve como objetivo a análise dos elementos teológicos e políticos que dão vida e que marcam o antagonismo entre as referidas correntes fundamentalistas. No entanto, é do âmbito do Seminário de Westminster que emergiram os fundamentos teológico-filosóficos de ambas correntes fundamentalistas, posto que são igualmente debitárias do pensamento de um dos fundadores da instituição, que é também dos importantes nomes da teologia evangélica americana, o holandês radicado nos Estados Unidos, Cornelius Van Til.

Neste artigo, nosso objetivo é uma discussão acerca da importância do Seminário Teológico de Westminster no campo religioso evangélico<sup>1</sup> americano, considerado aqui como uma das instituições nas quais se formaram grandes nomes<sup>2</sup> da teologia evangélica conservadora americana na primeira metade do século XX, bem como uma importante referência teológica, educacional e cultural para a ortodoxia protestante reformada naquele país até a atualidade.

### **1. Origens e formação do Seminário Teológico de Westminster**

O Seminário Teológico de Westminster (STW) foi fundado em 1929, na cidade americana de Glenside, estado da Filadélfia. Sua origem decorre de um conflito teológico intradenominacional no âmbito da igreja presbiteriana americana, ocorrido na segunda metade da década de 1920. A orientação teológica da Igreja Presbiteriana nos Estados Unidos era, então, o calvinismo histórico, cujas diretrizes doutrinárias remontam à Confissão de Fé de Westminster, de caráter resolutamente conservador<sup>3</sup>. O Seminário Teológico de Princeton (STP), instituição de ensino que representava a Igreja Presbiteriana nos Estados Unidos, era considerado o berço do conservadorismo e da ortodoxia, responsável por salvaguardar e transmitir seus princípios doutrinários para a formação ministerial e sustentação da fé reformada. Ambas as instituições eram verdadeiramente comprometidas com a ortodoxia presbiteriana e o

conservadorismo teológico. O teólogo americano Edwin H. Rian (2013, cap. 3), afirma que

Antes de 1929, o Seminário Teológico de Princeton era considerado por teólogos de todas as correntes de opinião como uma cidadela do Cristianismo histórico. Alguns grandes intelectuais como Charles Hodge, William Henry Green, Francis L. Patton, B. B. Warfield e Feerhardus Vos, tinham feito da teologia de Princeton a apresentação padrão da ortodoxia no mundo cristão. [...] O Seminário de Princeton era conhecido não apenas como uma instituição que defendia o cristianismo histórico, mas como aquela que se manteve firme na propagação e defesa da fé reformada ou do sistema doutrinário calvinista, estabelecido na Confissão de Fé de Westminster e que é ensinado na Bíblia.<sup>4</sup>

Na década de 1920, tanto no STP quanto na Igreja Presbiteriana nos Estados Unidos, acentuaram-se as influências da teologia liberal e da teologia neo-ortodoxa europeia<sup>5</sup>, cujas bases doutrinárias divergem em aspectos fundamentais dos princípios da fé reformada<sup>6</sup>. Segundo Alan K. Austin, a moderna teologia liberal “invadiu praticamente todos os nichos do protestantismo americano, envolveu todas as grandes denominações e ultrapassou fronteiras denominacionais, de maneira que adeptos das visões em conflito uniram-se em defesa de suas respectivas posições” (Austin, 1965, p. 6). Para os adeptos da ortodoxia, tanto a teologia liberal propriamente dita quanto a teologia neo-ortodoxa foram igualmente qualificadas como “liberais”. Isto porque, ambas divergem de um dos princípios fundamentais da ortodoxia, qual seja, a inerrância e a infalibilidade das Escrituras.

O conflito entre estas duas correntes, a conservadora e a liberal, prosseguiu dentro da Igreja Presbiteriana nos Estados Unidos e do STP ao longo de toda a década de 1920. Porém, em 1929 ocorreu uma mudança do quadro de dirigentes do Conselho Administrativo do STP e “[...] a partir daquele momento, uma nova e diferente ênfase teológica entrou em vigor. [...] Com este novo arranjo, tomou lugar uma mudança radical no programa de ensino que deslocou a ênfase teológica do Calvinismo histórico para o barthianismo do século XX<sup>7</sup>” (Rian, 2013, cap. 3). Esta mudança de orientação teológica na proposta de ensino do STP não fora consensual, muito pelo contrário. A ala mais conservadora da instituição considerou tal mudança uma ruptura com os preceitos da Confissão de Fé de Westminster e, conseqüentemente, com o calvinismo histórico, baluartes do ensino e produção intelectual do STP, desde a sua fundação.

Foi então que alguns ex-diretores do STP, dentre eles certos membros importantes do corpo docente, tais como John Gresham Machen e Robert Dick Wilson, entre outros, juntamente com vários ministros e leigos da Igreja Presbiteriana nos Estados Unidos, uniram-se para discutir a respeito da criação de um novo seminário. Depois de algumas reuniões e da angariação dos recursos financeiros mínimos necessários para a estruturação de uma nova instituição de ensino, em 25 de setembro de 1929, deram início às atividades do STW, contando com um corpo discente inicial de 50 estudantes<sup>8</sup>. Segundo Rian (2013, cap. 4),

O Seminário Teológico de Westminster foi criado em 1929 para dar continuidade e perpetuar as políticas e tradições do Seminário de Princeton, da maneira como ele se constituía antes de sua reorganização pela Assembleia Geral da Igreja Presbiteriana nos Estados Unidos. A necessidade de um novo seminário deriva, em última instância, do longo processo de abandono da fé cristã, que vem ocorrendo nas igrejas protestantes do mundo todo nos últimos 100 anos; especialmente em certos eventos recentes ocorridos na Igreja Presbiteriana nos Estados Unidos da América.

O STW foi então criado para ser o novo berço da ortodoxia e do conservadorismo protestante de denominação presbiteriana nos Estados Unidos. Seu corpo docente e seus dirigentes tinham como princípio o compromisso e a lealdade ao calvinismo histórico, expresso na doutrina de Calvino, nos Cinco Pontos do Calvinismo e na Confissão de Fé de Westminster<sup>9</sup>. No nosso entendimento, o próprio nome do seminário é uma referência clara a essa fidelidade teológica aos princípios reformados, uma explícita — e porque não dizer provocativa — “demarcação do território” conservador de matriz presbiteriana no âmbito das instituições religiosas nos Estados Unidos da época.

O corpo docente da instituição era formado basicamente por ex-professores e ex-alunos do STP. De acordo com Rian (2013, cap. 4),

O corpo docente do Seminário de Westminster era composto de quatro professores de Princeton: Robert Dick Wilson, que fora escolhido como presidente da faculdade, J. Gresham Machen, Oswald T. Allis e Cornelius Van Til. Faziam parte do quadro também o Rev. R. B. Kuiper, que havia sido estudante de pós-graduação em Princeton, orientado por B. B. Warfield e pastor na igreja reformada há quase vinte e cinco anos, e três recém-licenciados de Princeton: Allan A. MacRae, Ned B. Stonehouse e Paul Woolley, que tinha prosseguido com os estudos de pós-graduação na Europa. Um ano depois, John Murray, que tinha lecionado em Princeton, juntou-se ao corpo docente.

Observa-se que nomes importantes da ortodoxia protestante, contrários ao liberalismo (ou modernismo) teológico, deixaram o STP e foram compor o quadro de docentes do STW. Alguns mais experientes, como Wilson, Machen e Allis, outros no início da carreira docente, como Van Til, e alguns ex-alunos que tiveram grande destaque enquanto discentes, como MacRae, Stonehouse e Woolley. A presença destes intelectuais conferia à instituição prestígio e autoridade no que tange à qualidade do ensino e à fidelidade aos princípios teológicos reformados. Eram intelectuais atuantes tanto no âmbito da denominação presbiteriana quanto na cultura religiosa americana em geral, com ampla publicação de livros e artigos em periódicos de grande circulação e na militância, já naqueles anos, pela realização, na esfera pública, de agendas de interesse religioso, como por exemplo, o financiamento público de escolas confessionais cristãs.

Outro aspecto importante da formação do seminário é apontado por Rian. Ele afirma que, embora o STW tenha sido criado no âmbito da igreja presbiteriana e tido tanto leigos quanto clérigos no seu conselho administrativo e no seu corpo docente, como o reverendo Kuiper, por exemplo, a instituição era independente de controle eclesial. Segundo Rian (2013, cap. 4),

O Seminário de Westminster é independente de controle eclesial, mas isso não significa que tenha um caráter interdenominacional ou não-denominacional, ele é comprometido com a Confissão de Fé de Westminster como sistema doutrinário ensinado na Bíblia e com o formato presbiteriano de governo da igreja. Contudo, acolhe estudantes de quaisquer entidades eclesiais e, desde a fundação do seminário, ele tem recebido estudantes de cerca de trinta e quatro denominações diferentes.

No nosso entendimento, porém, essa independência do controle eclesial aparece apenas em nível superficial, uma vez que tanto o ensino do seminário quanto a estrutura doutrinária do presbiterianismo estavam fundadas teologicamente nos princípios da fé reformada, expressos na Confissão de Fé de Westminster. O seminário possuía as mesmas bases fundamentais que a igreja, e um destes princípios era a própria igreja, não sendo, portanto, distintos naquilo que lhes é essencial. Soma-se a isso, também, a incisiva presença e influência da igreja nas questões administrativas e teológicas do seminário. Deste modo, sou do entendimento de que, ao contrário do que afirma Rian, nas questões mais *fundamentais*, o seminário tinha, sim, um acentuado caráter eclesial

presbiteriano, caracterizado por uma marcante intradenominacionalidade, embora aberto a estudantes de outras denominações<sup>10</sup>.

Embora a intenção dos idealizadores do seminário quando da sua fundação tenha sido a unidade no âmbito do conservadorismo, não foi este o clima que marcou a instituição nos anos subsequentes. Assim como o STP, a trajetória do STW também foi marcada por profundos conflitos teológicos, divergências e rupturas. Segundo Austin (1965, p. 43), “a organização do Seminário Teológico de Westminster não colocou um fim ao conflito conservador-liberal no âmbito da Igreja Presbiteriana nos Estados Unidos”. Pelo contrário, à medida que as questões se colocavam, revelavam-se os grupos mais e menos conservadores, de forma que os ortodoxos conservadores e os liberais (ou apenas “menos” ortodoxos) permaneceram disputando pela hegemonia de suas perspectivas teológicas no âmbito da instituição.

Em virtude destes conflitos, o seminário tornou-se palco de duas grandes crises, ambas ao longo dos seus primeiros dez anos de existência. A primeira delas ocorreu em 1933, apenas quatro anos após a sua fundação, e a segunda em 1937, após quatro anos da primeira crise. Ambas as crises giraram, de uma maneira ou de outra, em torno da controvérsia entre conservadores e liberais, ou se preferirmos, entre mais conservadores e menos conservadores, o que neste caso pode ser o mesmo. Outro ponto importante dessas crises internas é que elas levaram, ainda que sem intenção prévia e deliberada, a uma divisão entre o corpo docente e o conselho administrativo do seminário, de modo que, nas crises e contendas pela determinação da identidade denominacional e conservadora da instituição, ambos se posicionavam em polos opostos do confronto<sup>11</sup>.

Ao final das duas grandes crises na primeira década de existência do STW, a perspectiva teológica que prevaleceu no seminário foi a mais conservadora, mais afeita a uma interpretação literal da escritura e representada pelos principais docentes que o fundaram, a saber: Machen, Van Til e Kuiper. O único membro do corpo docente que se posicionou de uma forma mais moderada, e mais afinada com a do conselho administrativo foi Oswald T. Allis, que a poucos meses do final da primeira crise acabou pedindo seu desligamento da instituição.

Serão abordadas brevemente as duas crises que se instalaram no seminário nos seus primeiros dez anos de existência, posto que uma breve contextualização se faz necessária, na medida em que revela, pela trajetória do

seminário, as vias que levaram à formação da identidade da instituição e da sua importância no campo religioso protestante americano.

## 2. A primeira crise

A primeira crise no STW teve como pano de fundo a publicação, em 1932, do livro *Re-Thinking Missions*, que reacendeu a controvérsia conservadora-liberal dentro da igreja presbiteriana e teve grande impacto na organização do seminário. Um dos textos que compunham a obra era *The Report of the Commission of Appraisal of the Laymen's Foreign Missions Inquiry*, um relatório sobre as missões cristãs e protestantes no exterior. De acordo com Austin (1965, p. 44),

O relatório defendia uma visão extremamente liberal do ecletismo religioso nos trabalhos das missões estrangeiras. O relatório dizia ao missionário que ele “olhasse a frente não para a destruição daquelas religiões (da Ásia), mas para sua coexistência contínua com o cristianismo, uma estimulando o crescimento da outra, em direção ao objetivo final, a unidade na mais completa verdade religiosa”.

A afirmação de que as missões de evangelização de povos não-cristãos deveriam ter um caráter de co-existência harmoniosa entre o cristianismo e as religiões não-cristãs asiáticas contrariava a perspectiva teológica conservadora da igreja presbiteriana, caracterizada por um exclusivismo religioso que preconizava a superioridade e exclusividade salvífica do cristianismo e do protestantismo sobre todas as outras religiões. Este relatório, que se alinhava a uma perspectiva teológica inclusivista, de respeito e reconhecimento das outras religiões não-cristãs (embora ainda não lhes conferisse um verdadeiro poder salvífico), era, para o conservadorismo protestante presbiteriano, uma evidência clara da nefasta influência da teologia liberal no âmbito da igreja presbiteriana nos Estados Unidos.

Os efeitos da publicação do relatório em pauta não teriam sido tão devastadores, não fosse o fato de dois membros do comitê responsável pela publicação de *Re-Thinking Missions* serem também membros do *Board of Foreign Missions of the Presbyterian Church on the USA*, organização a qual o STW também estava ligado, apesar de não ter relações formalmente institucionais. Como forma de controlar o Conselho para Missões Estrangeiras, J. G. Machen

propôs à igreja que adotasse como regra, estabelecida pela Assembleia Geral, que apenas conservadores pudessem ser indicados e eleitos como missionários do referido conselho<sup>12</sup>. Com essa iniciativa, Machen pretendia garantir que a perspectiva ortodoxa predominasse no conselho e que fossem contidos quaisquer impulsos pluralistas, pró-liberalismo teológico. Outra iniciativa de Machen foi o financiamento de uma publicação, de sua autoria, intitulada *Modernism and the Board of Foreign Mission*, que alertava para a ameaça modernista no âmbito do referido conselho missionário.

A proposta de J. G. Machen, de restringir o acesso ao conselho exclusivamente aos missionários conservadores, foi recusada tanto pelo presbitério ao qual fora apresentada, quanto pela Assembleia Geral da Igreja Presbiteriana nos Estados Unidos, em 1933. Machen, e o grupo conservador que o apoiava, em resposta à recusa da igreja, anunciou nessa mesma assembleia a criação de um novo conselho missionário, o *Independent Board for Presbyterian Foreign Missions*, este, sim, finamente alinhado à perspectiva conservadora<sup>13</sup>. O corpo docente do STW apoiou a iniciativa de Machen. Porém, a igreja considerou sua atitude um ato de deslealdade e, em contrapartida, exigiu que ele desfizesse este conselho. Machen, por sua vez, recusou-se a obedecer às ordens da igreja e, por isso, sofreu processo interno por parte da instituição e foi punido com a perda do seu ministério. Ele recorreu da decisão, mas não obteve sucesso.

De acordo com Austin (1965, p. 47),

Os conservadores alegaram que o mandato de 1934 e o julgamento de Machen estavam repletos de ilegalidades e violações da constituição da igreja. Para combater o que eles consideravam ser uma tirania crescente dentro da igreja, muitos se uniram para organizar, em 27 de junho de 1935, o *Presbyterian Constitutional Covenant Union*.

Segundo os organizadores do *Covenant Union*, sua função era de defender a palavra de Deus, a fé reformada e a Constituição da Igreja Presbiteriana nos Estados Unidos, bem como garantir o seu cumprimento. Estes dois eventos, a saber, a criação do *Independent Board for Presbyterian Foreign Missions* e do *Prebyterian Constitutional Covenant Union*, foram o “gatilho” que disparou a primeira crise no STW. O conflito girou em torno da recorrente controvérsia acerca da predominância das perspectivas conservadora ou liberal dentro da Igreja Presbiteriana nos Estados Unidos e pelo controle do seminário, o que

acabou por colocar em lados opostos o corpo docente da instituição, claramente alinhado com a perspectiva ortodoxa, e o conselho administrativo, mais afinado com uma perspectiva conservadora mais branda, considerada liberal pelos seus oponentes. Os atores que protagonizaram essa primeira crise foram Machen, membro do corpo docente do STW e líder do grupo conservador, e Samuel G. Craig, membro do conselho administrativo do seminário, e que representava uma perspectiva tida, então, como liberal<sup>14</sup>.

A disputa entre os dois lados do conflito começou a ser travada a partir do momento que Craig, editor do *Christianity Today*, publicação criada por ele, Machen e James F. Shrader para ser o periódico da causa conservadora após a reorganização do STP, utilizou-se deste veículo para a publicação de artigos contra o *Independent Board*, o *Covenant Union* e o grupo de Machen<sup>15</sup>. Em seus artigos, Craig rejeita qualquer ligação entre essas organizações e o STW, e sugere que seja realizada uma conferência para se criar uma plataforma que representasse mais amplamente os interesses conservadores e fosse capaz de superar a perspectiva separatista e cismática do grupo de Machen, submetendo-se, por fim, à Constituição da igreja presbiteriana<sup>16</sup>.

Em resposta a Craig e à perda do *Christianity Today* como veículo de divulgação dos interesses de seu grupo, Machen cria uma nova publicação, o *Presbyterian Guardian*. O novo periódico tem a função de representar oficialmente o *Covenant Union*. Também sobre a liderança de Machen, o corpo docente do STW solicita que se determinem as ações que devem representar o seminário diante dessa contenda. Neste momento, cinco dos sete membros do corpo docente da instituição, a saber, Machen, Van Til, Stonehouse, Wooley e Kuiper, posicionaram-se a favor de Machen, acusando Craig de causar sérias divisões no seminário em virtude da política editorial do *Christianity Today* e deram um ultimato ao conselho administrativo: caso o conselho se recusasse a concordar com o corpo docente no que tange ao *Independent Board* e ao *Covenant Union*, aqueles cinco docentes, que além de fundadores da instituição gozavam na época de grande prestígio intelectual na comunidade religiosa americana, renunciariam seus cargos e deixariam o seminário. A disputa resumiu-se então à presença dos docentes ou do conselho administrativo na instituição de forma que, se a maioria discordasse do conselho administrativo, este deveria renunciar e, ao contrário, se a maioria discordasse do corpo docente, este, por sua vez, renunciaria e deixaria o seminário. Numa disputa de 14 votos a

10, decidiu-se que treze membros do conselho administrativo deveriam renunciar, entre eles Samuel G. Craig. Novos membros foram eleitos para o conselho administrativo, o que garantiu que a perspectiva teológica da ortodoxia presbiteriana predominasse no STW. Segundo Rian (2013), a associação de alunos do seminário também apoiou o corpo docente e a política conservadora da instituição<sup>17</sup>.

Muitas foram as especulações em torno deste conflito por hegemonia no seminário e pela manutenção das relações entre o STW, o *Independent Board* e o *Covenant Union*. Isto porque, como vimos, os dirigentes dessas duas últimas organizações eram também os principais membros do corpo docente do STW. Porém, segundo Austin (1965), toda essa crise não ocorreu porque o seminário desejava ter um vínculo oficial com o *Independent Board* ou o *Covenant Union*, tal como deu a entender o grupo liderado por Samuel G. Craig. De acordo com Austin, não havia por parte do corpo docente nenhuma intenção de que um vínculo fosse oficialmente formalizado. No seu entendimento, os docentes defendiam essas duas organizações e a sua proximidade com o STW porque consideravam estes órgãos legítimos na medida em que representavam um esforço verdadeiro da luta contra o modernismo teológico na Igreja Presbiteriana nos Estados Unidos, haja vista as circunstâncias nas quais ambos foram criados (Austin, 1965).

Segundo nossas principais fontes bibliográficas, Austin (1965) e Rian (2013), ao contrário do que parece, a primeira crise não foi motivada por uma institucionalização oficial da relação entre as duas organizações supracitadas e o STW, mas sim, pela garantia de uma perspectiva teológica conservadora no seminário. Por outro lado, no nosso entendimento, o fato de Machen, um dos membros mais importantes do corpo docente do STW, bem como do *Independent Board* e do *Covenant Union*, ter sido um ator ativo na formação dessas organizações, na legitimação das mesmas por meio de publicações, constitui um elemento que, além de não poder ser menosprezado, é bastante representativo do conflito cultural, e mesmo religioso, daquele momento. Isto porque, uma institucionalização oficial do vínculo entre as três instituições representaria, naquele momento, não somente a hegemonia de uma perspectiva conservadora no seminário, mas, antes, a hegemonia do conservadorismo teológico no âmbito do presbiterianismo americano.

Em sintonia com Rian e Austin, entendemos que havia realmente um esforço em preservar a perspectiva teológica conservadora no seminário. Vale lembrar que ele foi criado com este objetivo. Entretanto, toda essa intensa mobilização em torno da manutenção das estreitas relações entre o *Independent Board*, o *Covenant Union* e o Seminário de Westminster, intensa ao ponto de promover uma crise seguida de ruptura dentro do STW, revelam, no nosso entendimento, outras duas motivações para tal contenda, não menos importantes. A primeira seria uma verdadeira disputa pelo poder institucional tanto no STW quanto na Igreja Presbiteriana nos Estados Unidos por parte da ala ortodoxa. Já a segunda motivação estaria na necessidade de formação de um bloco conservador abrangente e consistente que representasse o conservadorismo presbiteriano não apenas no campo religioso, mas também no âmbito cultural nos Estados Unidos da época. Essa questão será aprofundada adiante, quando tratada a segunda crise que atinge o seminário.

### **3. A segunda crise**

A segunda crise ocorreu em 1937 e se desencadeou devido à preocupação com o caráter distintivamente presbiteriano da instituição<sup>18</sup>. Porém, três eventos importantes antecederam-na e acabaram por formar o pano de fundo a partir do qual ela se desenvolveu. O primeiro deles foi a reorganização da Igreja Presbiteriana nos Estados Unidos, em 1936, que resultou na criação da Igreja Presbiteriana na América, que posteriormente também se dividiu<sup>19</sup>. O segundo foi, novamente, uma disputa de interesses teológicos dentro do grupo conservador, e o terceiro foi a morte de J. G. Machen, em janeiro de 1937, evento que abalou profundamente o seminário.

O primeiro dos três eventos que compõem o cenário no qual se deu a segunda crise do STW ocorreu quando alguns membros do *Independent Board of Foreign Mission*, que haviam sofrido processos por parte da Igreja Presbiteriana nos Estados Unidos e punidos com a perda ou suspensão de seus ministérios, se uniram, na primeira convenção anual do *Covenant Union*, em junho de 1936, e decidiram organizar uma nova denominação de caráter resolutamente reformado e conservador, a IPA. Naquela ocasião, Machen fora escolhido o moderador. Segundo o historiador George Marsden (2007a, p. 141),

A formação da Igreja Presbiteriana da América (IPA) na tarde de 11 de junho de 1936, foi certamente um momento de profunda satisfação para o Dr. Machen. A organização da nova igreja era um tributo à fé que ele amava, e a entusiástica unanimidade da assembleia em elegê-lo como seu primeiro moderador foi um tributo à sua liderança na luta pela preservação do presbiterianismo histórico dentro da Igreja Presbiteriana nos Estados Unidos (IPEUA).

Austin acredita que foi por essa razão que se estabeleceu uma grande proximidade entre o STW e a IPA desde o início da nova denominação, haja vista o fato de que “a maioria dos membros do corpo docente e alguns conselheiros do seminário participaram na estruturação do novo corpo eclesial” que estava sendo criado naquele período (Austin, 1965, p. 57)<sup>20</sup>. Creio que este momento foi realmente de grande importância para J. G. Machen e o grupo liderado por ele. Porém, observo na criação da nova denominação não apenas a certeza de se estar edificando uma igreja “verdadeiramente presbiteriana”, como afirmou o próprio Machen. Pode-se observar, sobretudo, a elaboração de um dispositivo essencial — e o único que faltava — para que se formasse um bloco que poderia ir além de interesses intraeclesiais, e promovesse recursos religioso-políticos amplos para a sustentação da fé reformada no âmbito da luta cultural contra o liberalismo teológico. Este dispositivo foi a própria nova igreja que emergia.

Mas a calma do consenso durou pouco. Questões basilares de ordem teológica, moral e institucional abalaram a estrutura da jovem igreja já no seu primeiro ano de existência. Segundo Marsden (2007a, p. 142),

A Terceira Assembleia Geral da Igreja Presbiteriana da América, reunida na Filadélfia em 1 de junho de 1937, encontrou seus delegados nitidamente divididos em dois partidos. Suas diferenças estavam centradas em três questões distintas. A primeira era uma questão doutrinária, referente à postura da igreja em relação à forma dispensacionista de pré-milenarismo. A segunda foi uma questão moral, centrada no problema de se a igreja deveria recomendar oficialmente para seus membros abstinência total de bebidas alcoólicas. O terceiro foi um problema político, relativo à questão de se a igreja deveria continuar conduzindo suas missões estrangeiras através de uma agência independente em cooperação com não-presbiterianos.

O resultado desta cisão foi a ruptura da recém-criada instituição e uma nova crise no âmbito do STW, haja vista a intrínseca relação entre o seminário e a IPA. O fato de os principais membros de cada uma dessas instituições serem os mesmos, fez com que elas tivessem uma estrutura intelectual e ideológica interna

comum, formando uma espécie de bloco de identidade teológica e institucional única. Criou-se assim, uma complexa estrutura que pode-se chamar aqui de “bloco conservador no âmbito do presbiterianismo americano”, ou seja, o conjunto composto pela Igreja Presbiteriana da América, o Seminário Teológico de Westminster e o *Independent Board*. Por outro lado, este bloco fez com que as questões, conflitos e consequências vivenciadas por uma das instituições repercutissem em todas as outras. Isto é, as dimensões, seja dos conflitos ou de suas consequências, foram ampliadas para o todo.

De acordo com Austin (1965), foi o conflito gerado pelos problemas doutrinário e moral que levou à crise que culminou na segunda divisão do Seminário de Westminster, em 1937. Assim sendo, tratarei inicialmente da questão de ordem teológica e doutrinária, a primeira a se instalar no âmbito do STW neste movimento.

Segundo o historiador americano Barry Hankins (2009, p. 84), os “protestantes americanos têm geralmente mantido uma das três visões do final dos tempos — pós-milenarista, pré-milenarista ou amilenarista”.<sup>21</sup> Estes protestantes, especialmente os conservadores, têm por princípio posicionamentos categóricos no que diz respeito à escatologia. Isto porque, para eles, a definição de escatologia não apenas orienta o indivíduo acerca da doutrina da igreja, mas, sobretudo, orienta a sua visão de mundo, sua presença e ação *neste* mundo. Para eles, a escatologia não possui apenas uma dimensão ortodoxa, mas, sobretudo, alcança uma dimensão ortoprática.

Porém, no que concerne à escatologia, segundo Austin (1965) e Marsden, o STW não assumiu uma posição institucional definida. De acordo com Marsden (2007a, p. 149), “quando o seminário foi fundado em 1929, sua posição acerca da escatologia não era de todo clara. O corpo docente estava preocupado, principalmente, em dar continuidade à batalha contra o modernismo”<sup>22</sup>. Portanto, durante os primeiros anos de existência do seminário, a falta de uma identidade ou orientação escatológica institucional, e a liberdade de adesão de seus membros a cada uma das três visões do final dos tempos, não foi decisiva, mas tampouco foi problemática para o STW. Porém, ainda de acordo com Marsden (2007a, p. 149),

Pré-milenaristas dispensacionalistas associados ao seminário alegaram que, a partir de 1933, a ênfase de Westminster passou a incluir um ataque às suas posições. Vários membros do corpo

docente passaram a fazer fortes críticas ao ‘Moderno Dispensacionalismo’ e, em particular, à forma que era ensinado no Scofield Reference Bible”.

A questão tornou-se central a partir de dezembro de 1935, quando John Murray, um dos membros do corpo docente do seminário, publicou no *The Presbyterian Guardian* no primeiro artigo, de uma série de três, intitulado “*The Reformed Faith and Modern Substitutes*”. Em seu texto, ele afirmou ser o dispensacionalismo<sup>23</sup> um dos “modernos substitutos da fé reformada”<sup>24</sup>, tão cara ao conservadorismo presbiteriano americano. A partir daquele momento, o dispensacionalismo entra em cena como o mais novo inimigo da ortodoxia como mais uma das formas de modernismo teológico, ao lado do liberalismo, devendo, portanto, ser severamente combatido.

O artigo de Murray teve repercussão imediata. Naquele momento, segundo Austin, os dispensacionalistas gozavam de certa popularidade, tanto nos meios conservadores, quanto nos liberais<sup>25</sup>. O grande problema é que a crítica feita por Murray à forma dispensacionalista de pré-milenarismo, e somente a esta, foi recebida pelos pré-milenaristas conservadores como um ataque à concepção pré-milenarista como um todo, e não apenas ao dispensacionalismo<sup>26</sup>. Importante destacar que todo dispensacionalista é, necessariamente, pré-milenarista, ao passo que o contrário não se aplica, pois nem todo pré-milenarista é um dispensacionalista. A censura de Murray era clara. Ele criticou a abordagem dispensacionalista, por considerar a leitura das Escrituras acerca das dispensações de Deus para a segunda vinda de Cristo, uma interpretação heterodoxa do ponto de vista da fé reformada. Esta abordagem se opõe diretamente ao princípio da interpretação literal da Escritura defendido pelos conservadores ortodoxos. Neste primeiro artigo, Murray criticou especialmente o esquema de dispensações formulado no *Scofield Reference Bible*<sup>27</sup>.

No artigo seguinte, Murray manteve suas críticas ao dispensacionalismo e, na edição subsequente do *The Presbyterian Guardian*, recebeu o apoio do reverendo R. B. Kuiper, também membro do corpo docente do STW que, por sua vez, referiu-se ao dispensacionalismo como “heresia anti-reformada”. Em face da declaração de Kuiper, entrou em cena outro importante ator deste conflito, Carl McIntire, membro da IPA, graduado no STW e editor do periódico *Christian Beacon*. Em resposta a Kuiper e Murray, McIntire publicou um artigo no qual afirmou que as críticas de Murray ao dispensacionalismo seriam um ataque aos

pré-milenaristas. Neste texto, ele também advertiu que, caso não cessassem os ataques dos amilenaristas, a saber, Murray e Kuiper — advertência extensiva ao conjunto do corpo docente do STW — haveria uma expressiva união dos pré-milenaristas na IPA, a fim de salvaguardar os seus direitos no âmbito daquela confissão<sup>28</sup>.

Diante de tal declaração, Kuiper enviou uma carta a McIntire, afirmando categoricamente que suas críticas estavam voltadas apenas aos dispensacionalistas e não aos pré-milenaristas. Segundo Austin e Marsden, os editores do *The Presbyterian Guardian* também envidaram todos os esforços para deixar claro que o seu posicionamento era contra o dispensacionalismo e não contra os pré-milenaristas. Segundo Marsden (2007a, p. 149), “o *Guardian* fez questão de deixar profusamente claro que os artigos do Sr. Murray não possuíam, de forma alguma, a intenção de excluir os pré-milenaristas da irmandade reformada”. Marsden afirma, inclusive, que o editor do *The Presbyterian Guardian*, H. McAllister Griffiths era pré-milenarista e, ao contrário de McIntire, não acolheu as críticas de Murray como extensivas ao seu posicionamento doutrinário.

A partir daquele momento J. G. Machen entrou no conflito ao lado de Kuiper e Murray, reafirmando que os ataques desferidos nos artigos de Murray restringiam-se aos dispensacionalistas, ressaltando, mais uma vez, o respeito e simpatia dos ortodoxos pelos pré-milenaristas. Com a entrada de Machen na contenda, e a firme campanha de McIntire para desvirtuar o foco do ataque de Murray, ficou clara a formação de *duas* frentes de batalha no âmbito do bloco conservador. De um lado, estava o corpo docente do STW, novamente liderado por Machen, e apoiado pelos editores do *The Presbyterian Guardian*, defendendo as posições anti-dispensacionalistas veiculadas no referido periódico. Do outro, o grupo liderado por McIntire, composto por pré-milenaristas e dispensacionalistas, que se apoiava na perspectiva difundida pelo *Christian Beacon*.

Entretanto, neste período em que se formaram dois grupos distintos e opostos entre si, em franca disputa no âmbito do conservadorismo presbiteriano, ocorreu o terceiro e inesperado evento que serve de pano de fundo para a crise de 1937: falece, em 1 de janeiro de 1937, vítima de uma pneumonia, o teólogo John Gresham Machen. Como vimos, ele foi o principal líder do bloco conservador até

então. Esteve à frente da fundação do Seminário de Westminster, onde lecionou até a sua morte, encabeçou a formação do *Independent Board* e da Igreja Presbiteriana da América. Foi autor de diversas obras, além de viajar pelo país proferindo palestras, ministrando cursos e trabalhando na divulgação da fé reformada, na sustentação dos ideais conservadores e na luta contra o liberalismo teológico no âmbito da igreja.

A morte de Machen abalou profundamente o STW. Segundo Marsden (2007a, p. 158),

A magnitude da crise pode ser melhor observada a partir da velocidade com que evoluíram cada uma das três instituições após a morte de Machen. No intervalo de seis meses, as três instituições — A Igreja Presbiteriana da América, o Seminário de Westminster, e o *Independent Board* — seriam divididas [...].

Não apenas as instituições, mas, sobretudo o grupo que era liderado por Machen, tido por seus opositores como amilenarista e anti-dispensacionalista, foi profundamente abalado com a sua morte. A disputa em torno do pré-milenarismo dispensacionalista tomava proporções cada vez maiores, extrapolando, inclusive, os limites da denominação presbiteriana. E assim como ocorreu com o episódio do falecimento de Machen, o conflito motivado pela orientação escatológica foi novamente perpassado por outra questão controversa, de cunho moral, que acirrou ainda mais as disputas na IPA, a saber: a proibição do consumo moderado de bebidas alcoólicas pelos cristãos.

No que se refere a tal questão, o posicionamento do STW era claro. Na medida em que a Bíblia não faz nenhuma menção direta ao assunto, seja proibindo, seja liberando o consumo de álcool, era do entendimento do seminário que este deveria ser um tema de livre julgamento individual. A posição do seminário de não estabelecer restrições a seus estudantes e docentes era, segundo seus membros, condizente com a perspectiva ortodoxa de interpretação da Bíblia, da qual o seminário era adepto. Para o STW, uma vez que a leitura das escrituras deve ser literal, não cabe à instituição fazer uma livre interpretação, seja para restringir, seja para autorizar. Cabe sim, a cada um, segundo o seu livre juízo, e orientado pelos ensinamentos bíblicos, decidir se deve ou não consumir, com parcimônia, bebidas com teor alcoólico<sup>29</sup>.

A questão do consumo de bebidas alcoólicas acentuou ainda mais a clivagem no âmbito da IPA, aumentando as tensões e conflitos que se delinearam

a partir da morte de Machen. Isto não fez senão permitir a emergência definitiva de dois grupos efetivamente distintos, disputando entre si a hegemonia a partir de perspectivas teológicas e morais antagônicas. Havia então um grupo liderado pelo corpo docente do STW, na sua maioria amilenaristas e anti-dispensacionalistas disposto, porém, a conceder liberdade quanto à escatologia e ao consumo de bebidas alcoólicas. De outro, o grupo composto pelos pré-milenaristas, adeptos ou não do dispensacionalismo, que defendiam dogmaticamente a total abstinência de bebidas alcoólicas pelos cristãos. Este grupo, por sua vez, era liderado por Carl McIntire. Importante lembrar que cada grupo contava com um periódico para veicular seus valores e princípios, de maneira que o *The Presbyterian Guardian* e o *Christian Beacon* representavam, respectivamente, cada um dos grupos, com um papel de suma importância naquele contexto de debates intradenominacionais e/ou públicos.

Segundo Austin, “o climax do conflito intraconservador” ocorreu quando McIntire compareceu a uma reunião semanal do corpo docente do STW e “[...] solicitou que um dos membros daquele conselho renunciasse ao uso de bebidas alcoólicas, em prol da boa convivência e do bom exemplo” (Austin, 1965, p. 71). Mantendo seu posicionamento, o corpo docente recusou a proposta, com o argumento de que “[...] o assunto era uma questão de liberdade cristã, tanto para eles mesmos quanto para seus companheiros” (Austin, 1965, p. 71). De acordo com Austin, naquela mesma reunião o reverendo e professor Kuiper, que na época presidia a instituição, reportou àquele conselho a sugestão de “algumas pessoas”<sup>30</sup>, de que o seminário acrescentasse no seu corpo docente três novos membros, e no seu conselho administrativo dez novos membros, e que estes fossem, necessariamente, pré-milenaristas. Novamente a sugestão foi recusada, sendo que dessa vez a recusa fundou-se no argumento segundo o qual a orientação escatológica nunca fora um critério de seleção para os membros do seminário.

Observa-se então, que o movimento feito pelo grupo liderado por McIntire, visando modificar a posição do seminário frente às controvérsias doutrinária e moral, fracassou. Passados dois dias daquela reunião, Harold S. Laird, secretário do conselho administrativo e o professor Alan MacRae, simpatizantes do grupo de McIntire, renunciaram seus cargos e deixaram o Seminário de Westminster. Em sua carta de renúncia MacRae (1937, p. 50) afirma, “hoje, pela providência de Deus, dois dos três fundadores faleceram, e outro saiu do Seminário. O

controle da faculdade e a direção de suas políticas passou para as mãos de um pequeno grupo estrangeiro, fora das bases do presbiterianismo americano”. Segundo Austin, o grupo ao qual ele se refere como estrangeiro é composto por Kuiper, Stonehouse, Van Til e Murray, todos com alguma formação fora do presbiterianismo americano.

Segundo MacRae, este grupo constituído pelo corpo docente do STW estava deslocando o foco da luta contra o modernismo, para uma luta contra o fundamentalismo<sup>31</sup>. De acordo com Marsden, naquele período, fundamentalistas eram os grupos que tinham posições mais radicais no que diz respeito à temperança, pregando a total abstinência de tabaco e bebidas alcoólicas, e que se assumiam como adeptos ou mesmo simpatizantes do dispensacionalismo. Portanto, “para os padrões de Westminster, McIntire era considerado um fundamentalista” (Marsden, 2007b, p. 175). Por outro lado, a ortodoxia conservadora não era tida na época como fundamentalista, apesar de categórica quanto a interpretação literal e a inerrância da Bíblia<sup>32</sup>.

A divisão definitiva do seminário ocorreu com a saída de mais quatro membros do conselho administrativo, entre eles o reverendo Harold S. Laird, naquela ocasião presidente do *Independent Board*, motivado por razões semelhantes às de MacRae<sup>33</sup>. Todavia, a controvérsia entre os dois blocos antagônicos não teve fim com a ruptura do seminário, no qual prevaleceu a perspectiva do bloco conservador. As outras duas instâncias que formavam o referido bloco, o *Independent Board* e a IPA, ainda sofreriam os efeitos da disputa. McIntire continuou com sua campanha anti-Westminster nos editoriais do *Christian Beacon*, mesmo depois do seminário proibir formalmente o consumo de bebidas alcoólicas no campus<sup>34</sup>. Acusações foram desferidas de ambos os lados do conflito, e o que se seguiu, foi a divisão da Igreja Presbiteriana da América. O grupo liderado por McIntire e MacRae, minoritário na disputa, e que já havia rompido com o STW, retira-se da IPA, e funda duas novas organizações, a *Bible Presbyterian Church* e o *Faith Theological Seminary*, ficando este último sob a direção de MacRae.

Daquele bloco conservador fundado por Machen e seus seguidores do Seminário de Westminster, restava, ainda, o *Independent Board*. Diferentemente do STW e da IPA, o conselho missionário foi a única das instituições que não permaneceu sob o domínio de seus fundadores. Ele foi a única instância do bloco

conservador em que o grupo de Machen era minoritário. Os representantes do STW deixaram o *Independent Board* no momento em que se decidiu, em assembleia, que missionários não-presbiterianos poderiam compor o quadro do conselho para missões estrangeiras, o que contrariava todas as bases e princípios teológicos exclusivistas e conservadores para cuja afirmação ele fora fundado por Machen. A partir de então, o conselho passou definitivamente para o controle do grupo que liderava a *Bible Presbyterian Church*.

Após aqueles turbulentos primeiros oito anos, o Seminário Teológico de Westminster experimentou um período de estabilidade e desenvolvimento. Ao que tudo indica, a hegemonia teológica, intelectual e moral ortodoxa e conservadora, representada pelo bloco fundado por Machen foi finalmente alcançada entre os membros do corpo docente e do conselho administrativo da instituição, o que pode ser percebido pelo equilíbrio de forças que se instala no âmbito da instituição a partir do segundo semestre de 1937. Ao final deste período, permaneceu hegemônica no STW a mesma perspectiva que o fundou, conservadora por excelência, exclusivista, separatista e fortemente comprometida com os princípios do calvinismo reformado, ensinado na Confissão de Fé de Westminster, que prezava por uma leitura literal da Bíblia e pela sua inerrância.

Como vimos, a formação do Seminário Teológico de Westminster, já na sua origem, remonta à controvérsia entre as tradições conservadora e liberal-modernista, que historicamente marca o presbiterianismo americano. Já nos seus primeiros oito anos de existência, o STW passou por duas profundas crises, ambas originadas no âmbito das denominações às quais ele esteve relacionado, e que fizeram reforçar ainda mais o propósito para o qual ele foi criado, qual seja, ser um defensor da ortodoxia e do conservadorismo protestante reformado na América. Dessas crises, que tão cedo abalaram sua estrutura, um dos aspectos que nos parece mais evidente é a franca disputa pelo poder político eclesial no âmbito do presbiterianismo americano.

Para nós, um dos pontos notáveis dessas disputas por poder institucional intradenominacional, é a proliferação de instituições de cunho religioso e confessional, que se dividem como que por cissiparidade e engrossam as fileiras de denominações religiosas, seminários teológicos, veículos de comunicação, e toda a estrutura paraeclesiástica a elas relacionada. Tal processo, bem representado pela história mesma da formação inicial do STW, teve como

principal efeito, no nosso entendimento, permitir e/ou facilitar composições intraeclesiais e intrainstitucionais em torno de agendas teológicas, morais, político-administrativas ou mesmo doutrinárias, tanto no âmbito interno de cada denominação, quanto no âmbito externo, no que tange à definição de valores e agendas a serem veiculadas no espaço público.

De acordo com o historiador George Marsden, essa clivagem que marca as sucessivas rupturas na Igreja Presbiteriana nos Estados Unidos ao longo da década de 1930 — e que dá origem à Igreja Presbiteriana da América<sup>35</sup> e ao Seminário Teológico de Westminster — pode ser compreendida como um reavivamento da clivagem que acompanha a história mesma da igreja presbiteriana nos Estados Unidos desde meados do século XIX. Segundo o historiador (2007a, p. 142),

Em 1837, a Igreja Presbiteriana nos Estados Unidos estava analogamente dividida entre duas facções, a “Velha Escola” e a “Nova Escola”. Naquele ano, o desentendimento entre as duas facções se concentrou em três questões principais. A primeira era uma questão doutrinária, a respeito da atitude da igreja perante a ‘Nova Teologia’, que estava sendo importada para dentro da Nova Escola vinda da Nova Inglaterra. A segunda era uma questão moral, centrada no problema de se a igreja deveria condenar oficialmente certas práticas, mais especificamente, a escravidão dos negros e o consumo de bebidas alcoólicas. A terceira questão era um problema político, relativo à continuidade da cooperação com os Congregacionalistas no Plano de União de 1801, e com não-presbiterianos em agências independentes para missões, educação cristã e reforma moral.

Para ele, o impressionante paralelo entre as questões que dividiram a Velha Escola e a Nova Escola em 1837 e as questões que dividiram a Igreja Presbiteriana da América e a Igreja Presbiteriana da Bíblia cem anos depois, pode ser mera coincidência. Todavia, um olhar mais atento sobre a semelhança e a repetição das linhas fundamentais do conflito no intervalo de um século torna plausível a afirmação de tal paralelo, na medida em que evidencia a continuidade da existência de duas tradições distintas, que se antagonizam no âmbito do protestantismo presbiteriano americano, e rivalizam entre si na luta pela hegemonia intradenominacional.

Acompanhando a análise deste historiador americano acerca da analogia entre os conflitos de 1837 e 1937, percebe-se que a origem da clivagem entre Nova Escola e Velha Escola deve-se a outro conflito, anterior, no campo do presbiterianismo americano, e que remonta aos anos de 1741 e 1758. Segundo

essa análise, é nesse conflito do século XVIII que se delinea o caráter de cada uma das referidas tradições, bem como o que as distingue essencialmente. Segundo Smith, Handy e Loetscher, aos quais Marsden se reporta,

Presbiterianos com base no puritanismo britânico ou no puritanismo da Nova Inglaterra tenderam a uma espécie de “lowchurch”, mais subjetiva, com uma concepção de presbiterianismo menos autoritária, que no século dezoito foi chamada de New Side e no século dezanove New School; ao passo que presbiterianos de base escocesa e irlandesa tenderam a uma espécie de “high church”, mais objetiva e com concepções mais autoritárias da herança denominacional, conhecida no século dezoito como Old Side e no século dezanove como Old School. Em certo sentido, a história, especialmente a história teológica do presbiterianismo americano tem girado em torno destes dois polos. (Smith; Handy; Loetscher, 1960, p. 262 apud Marsden, 2007a, p. 143)

No que diz respeito a cada uma das referidas tradições temos, de um lado, a Velha Escola, que preconiza, sobretudo, uma interpretação estrita e literal da Bíblia e da doutrina presbiteriana reformada que remonta à Confissão de Fé de Westminster. Ela tem um caráter separatista, formadora de enclaves intradenominacionais e, portanto, radicalmente contra qualquer forma de cooperação interdenominacional. É considerada uma tradição mais objetiva e autoritária, apesar de, no caso do proibicionismo, conceder aos seus adeptos liberdade no que tange ao consumo moderado de bebidas alcoólicas. No outro extremo temos a Nova Escola, que por ser de tradição britânica e revivalista, remete ao presbiterianismo americano originário. É tida como mais subjetiva no que tange às questões éticas e políticas<sup>36</sup> pois, apesar de afirmar a inerrância das Escrituras, usa de certa liberdade de interpretação no tocante à temperança, promovendo a abstinência total de bebidas alcoólicas e tabaco por parte dos cristãos, por exemplo. Paradoxalmente, é considerada mais aberta e menos autoritária, na medida em que se coloca a favor da cooperação com outras denominações para a promoção de reformas sociais.

Segundo Marsden, (2007, p. 143) “a clivagem entre as duas escolas em 1837, assim como a clivagem dentro da IPA em 1937, reflete o conflito de duas tradições que sobrevivem no interior do protestantismo americano desde as suas origens”. É claro que cada tradição e cada conflito, possuem suas respectivas peculiaridades. Porém, as linhas centrais são análogas. No nosso entendimento, essas duas tradições opostas, mais do que traduzir perspectivas de entendimento doutrinário distintas, traduzem, sobretudo, perspectivas religioso-políticas

antagônicas, que buscam na Bíblia e na própria doutrina presbiteriana, uma autoridade que é moral e religiosa para a sustentação de seus posicionamentos não apenas eclesiais, mas, sobretudo, políticos, sociais e culturais.

Para Marsden, o conflito entre a Velha Escola e a Nova Escola de 1837, reemerge em 1937, na forma da controvérsia conservadorismo-modernismo, também chamada por Austin de “controvérsia conservadora-liberal”. Para Marsden, é possível afirmar que o modernismo seria uma continuação da Nova Escola, ao passo que o conservadorismo seria uma continuação da Velha Escola. Porém, para este historiador, “as duas tradições não representam duas tradições teologicamente incompatíveis. Antes, elas representam duas abordagens distintas da mesma tradição” (Marsden, 2007a, p. 171).

Diante da permanência das linhas gerais do conflito que marca o presbiterianismo americano e das semelhanças entre as tradições que o protagonizam ao longo dos séculos, acredito que essa clivagem pode ser considerada como de longa duração, posto que ela reemerge em momentos de crise, nos quais cada uma delas, remontando às suas próprias origens, assume um dos polos do conflito na disputa pela hegemonia intradenominacional.

### **Considerações finais**

O Seminário Teológico de Westminster se constitui como uma instituição que tem por princípio, desde a sua fundação, preservar a perspectiva protestante ortodoxa nos Estados Unidos, perspectiva esta defendida por teólogos protestantes de diferentes denominações em face do avanço do modernismo, do secularismo e do pluralismo religioso na primeira metade do século XX, e abalou a hegemonia da ideologia religiosa protestante naquele país (Marsden, 1995).

A começar da sua origem, o STW remonta à controvérsia entre as tradições conservadora e liberal-modernista que, historicamente, marca o presbiterianismo americano. Como exposto, já nos seus primeiros oito anos de existência, a instituição passou por duas profundas crises, ambas originadas no âmbito das denominações às quais ele esteve relacionado, e que fizeram revigorar ainda mais o propósito para o qual ele foi criado, qual seja, ser um defensor da ortodoxia e do conservadorismo presbiteriano reformado nos Estados Unidos<sup>37</sup>.

Como vimos, essa clivagem que marca as sucessivas rupturas na Igreja Presbiteriana nos Estados Unidos ao longo da década de 1930 — e que dá origem à Igreja Presbiteriana da América e ao Seminário Teológico de Westminster — pode ser compreendida como um reavivamento da referida controvérsia que acompanha a história mesma da igreja presbiteriana nos Estados Unidos desde meados do século XIX. Para o historiador George Marsden, a notável semelhança entre as questões que dividiram a Velha Escola e a Nova Escola em 1837 e as questões que dividiram a Igreja Presbiteriana da América e a Igreja Presbiteriana da Bíblia em 1937, pode parecer um simples acaso. No entanto, uma análise mais rigorosa dessas questões e a recorrência das linhas fundamentais do conflito no intervalo de um século torna plausível a afirmação segundo a qual essa semelhança não é mero acaso. Na realidade, ela resulta da e indica a continuidade da existência das duas tradições distintas, que historicamente se contrapõem no âmbito do presbiterianismo americano, e competem entre si pela hegemonia intradenominacional.

Assim como Marsden, acredito que a aparente coincidência merece tratamento mais atento e cuidadoso, na medida em que pode efetivamente revelar continuidade *estrutural*, permanência estrutural e porque não metamorfose — de um conflito religioso-político de longa duração que se manifesta nos dias atuais pelo conflito entre correntes fundamentalistas antagônicas no espaço público americano<sup>38</sup>.

Entendo que essas duas tradições opostas do presbiterianismo reformado, ao manifestar perspectivas de entendimento teológico distintas, revelam também perspectivas políticas que buscam na Bíblia e na própria doutrina presbiteriana, uma autoridade que é moral e religiosa para a validação de seus posicionamentos não apenas eclesiásticos, mas, sobretudo, políticos, sociais e culturais. Desta forma, tais perspectivas religiosas reverberam também na vida pública e na cultura americana, na qual o Seminário de Westminster se firma como uma importante referência para a ortodoxia protestante reformada nos Estados Unidos, na medida em que se constitui como um espaço no qual se formam grandes nomes do presbiterianismo reformado ortodoxo desde a década de 1930 até a atualidade.

### Referências bibliográficas

ANDRADE, Roney Seixas. *Criação divina ou evolução?* Uma análise da teoria da criação especial e da teoria do design inteligente na cultura norte-americana. 2012. Dissertação (Mestrado em Ciência da Religião) – Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2012.

AUSTIN, Alan Keneth. *The history of Westminster Theological Seminary: 1929 – 1964*. 1965. Thesis of Master Degree (Master of Arts) – East Tennessee State University, Johnson City, Tennessee, 1965.

BARR, James. A compreensão fundamentalista da Escritura. *Concilium: Revista Internacional de Teologia*. Petrópolis, v. 16, fas 158, p. 1035 - 1040, 1980.

BRUCE, Steve. *Fundamentalism*. 2. ed. Malden: Polity Press, 2010.

COX, William E. *An Examination of Dispensationalism*. Philadelphia, PA: Presbyterian and Reformed, 1963.

HANKINS, Barry. *American Evangelicals: a contemporary history of a mainstream religious movement*. Maryland: Rowman & Littlefield Publishers, 2009.

HARRIS, Harriet A. *Fundamentalism and evangelicals*. New York: Oxford University Press, 1998.

LANE, Tony. The new orthodoxy. In: *Harper's concise book of Christian faith*. New York: Harper & Row Publishers, 1984. p. 186-191

LONGFIELD, Bradley J. *The Presbyterian Controversy: fundamentalists, modernists & moderates*. New York: Oxford University Press, 1991.

MACRAE, Alan A. Professor MacRae Leaves Westminster Seminary. *The Presbyterian Guardian*. v. 4, n. 3, Philadelphia, may, 1937, p. 50. Disponível em: <http://www.yumpu.com/en/document/view/12090277/volume-4-number-3-may-15-1937-orthodox-presbyterian-church>. Acesso em: 18 out 2013.

MARSDEN, George M. *Fundamentalism and american culture: the shaping of twentieth-century evangelicalism: 1870 - 1925*. New York: Oxford University Press, 1980.

\_\_\_\_\_. Perspective on the division of 1937. *Mid-America Journal of Theology*. v. 18, Chicago, 2007a, p. 141-171. Disponível em: [www.Midamerica.edu/resources/journal/18/marsden18.pdf](http://www.Midamerica.edu/resources/journal/18/marsden18.pdf). Acesso em: 20 set 2013.

\_\_\_\_\_. Perspective on “Perspective on the division of 1937”. *Mid-America Journal of Theology*. v. 18, Chicago, 2007b, p. 173-178. Disponível em: [www.Midamerica.edu/resources/journal/18/marsden18.pdf](http://www.Midamerica.edu/resources/journal/18/marsden18.pdf). Acesso em: 20 set 2013.

\_\_\_\_\_. *Reforming fundamentalism: Fuller Seminary and the New Evangelicalism*. Grand Rapids: Eerdmans, 1995.

MARTY, Martin E. O que é fundamentalismo?: perspectivas teológicas. *Concilium: Revista Internacional de Teologia*. Petrópolis, v. 28, fas 241, p. 333 - 346, 1992. Fundamentalismo um desafio ecumênico.

MERRITT, Jonathan. *Defining ‘Evangelical’*. 2015. Disponível em: <https://www.theatlantic.com/politics/archive/2015/12/evangelical-christian/418236/> Acesso em: Fev 2018

PACE, Enzo; STEFANI, Piero. *Fundamentalismo religioso contemporâneo*. São Paulo: Paulus, 2002.

RIAN, Edwin. *The Presbyterian Conflict*. Grand Rapids: Wm. B. Eerdmans Publishing Company, 1940. Disponível em: <http://www.opc.org/books/conflict/index.html> Acesso em: Fev 2013.

SMIETANA, Bob. *What is an Evangelical?* Four questions offer new definition. 2015. Disponível em: <http://www.christianitytoday.com/news/2015/november/what-is-evangelical-new-definition-nae-lifeway-research.html> Acesso em: Fev 2018

STELT, John C. Vander. *Philosophy and scripture: a study in Old Princeton and Westminster Theology*. New Jersey: Mack Publishing Company, 1978.

---

<sup>1</sup> “Segundo o *Institute for the Study of American Evangelicals* do Wheaton College, Martinho Lutero utilizou pela primeira vez a forma latinizada da palavra *evangelium* para descrever as igrejas não-católicas nascidas pela Reforma Protestante nos anos 1500. Mas esse termo, por sua vez, veio ocupar seu lugar na língua inglesa mais de um século depois, durante o chamado Grande Despertar, que consistiu em uma série de avivamentos na Grã-Bretanha e nas colônias americanas lideradas por pregadores fervorosos como Jonathan Edwards e George Whitfield. Em razão da sua influência, o evangelicalismo tornou-se sinônimo de revivalismo, ou uma expressão fervorosa do cristianismo marcado pela ênfase na conversão de pessoas de fora. No início dos anos 1800, era ‘de longe a expressão dominante do cristianismo’ nos Estados Unidos”. (Merritt, 2015)

<sup>2</sup> John G. Machen, Cornelius Van Til, John M. Frame, Scott Oliphint, Francis Schaeffer, Gary North, Greg Bahnsen, Timothy J. Keller, entre outros.

<sup>3</sup> A *Confissão de Fé de Westminster* é uma confissão de fé reformada, de orientação calvinista. Adotada por muitas igrejas presbiterianas e reformadas ao redor do mundo, foi produzida pela Assembleia de Westminster e aprovada pelo parlamento inglês em 1643. Para o texto completo dessa confissão, ver: CONFISSÃO de Fé de Westminster. Comentário A. A. Hodge. São Paulo: Os Puritanos, 1999.

<sup>4</sup> Todas as traduções ao longo deste artigo são de minha autoria.

<sup>5</sup> A teologia neo-ortodoxa consistiu numa tentativa de síntese entre a ortodoxia da Igreja protestante e o liberalismo teológico. Para os neo-ortodoxos, que tiveram como principal expoente o teólogo suíço Karl Barth (1886 - 1968), tanto o protestantismo tradicional como o liberal tinham perdido o entendimento e a verdade da fé.

<sup>6</sup> Um dos pontos determinantes de divergência entre ortodoxos, liberais e neo-ortodoxos é o estatuto da Escritura sagrada. Para os ortodoxos ou conservadores, a Bíblia é a palavra de Deus, na medida em que é inspirada e revelada por Deus. Consequentemente, a Bíblia é inerrante e infalível. A Confissão de Fé de Westminster (1999, p. 60) considera que, “Os livros da Escritura foram escritos pela instrumentalidade de homens, [...] não obstante, esses livros são, do primeiro ao último, em pensamento e expressão verbal, em substância e forma, plenamente a Palavra de Deus, comunicando com absoluta exatidão e autoridade divina tudo que Deus quis que comunicassem, sem quaisquer adições ou mesclas humanas”. Todavia, para os liberais, a Bíblia pode ser interpretada a partir de uma perspectiva crítica (exegese) e histórica, podendo ser aplicados métodos filosóficos e científicos para a sua interpretação. Já para a neo-ortodoxia, “A palavra escrita da Escritura, e a palavra proclamada, não são em si mesmas revelações, mas elas são palavras humanas falíveis apontando para a revelação de Deus. Como palavras humanas, elas são limitadas e fracas, mas tornam-se palavra de Deus quando ele escolhe falar através delas” (Lane, 1984, p. 188).

<sup>7</sup> O que Rian (2013) chama de “barthianismo do século XX”, deve ser entendido aqui como sinônimo de teologia neo-ortodoxa (ver notas 5 e 6).

<sup>8</sup> Conforme Austin (1965, p. 36).

<sup>9</sup> Os Cinco Pontos do Calvinismo são: 1. Depravação total; 2. Eleição incondicional; 3. Expição limitada; 4. Graça Irresistível; e 5. Perseverança dos Santos.

<sup>10</sup> Alguns parágrafos à frente do trecho citado, Rian faz outra afirmação que contradiz a independência que ele sugere que o STW tinha em relação à igreja presbiteriana e confirma nossa asserção acerca de uma acentuada influência e interferência da segunda sobre o primeiro. Segundo Rian (2013, cap. 4), “A breve história do seminário demonstrou que seus fundadores estavam determinados a manter a instituição leal à Confissão de Westminster como sistema doutrinário ensinado na Bíblia e na forma presbiteriana de governo da igreja. Os professores sempre ensinaram os alunos a pregar o evangelho e ser igualmente vigilantes na sua manutenção nos concílios da Igreja”.

<sup>11</sup> “Na opinião de Rian, a crise revelou uma divisão acidental e inesperada entre o corpo docente e o conselho administrativo do seminário”. (Austin, 1965, p. 48).

<sup>12</sup> Essa proposta foi apresentada ao Presbitério de New Brunswick (Austin, 1965).

<sup>13</sup> “Machen e seus aliados se anteciparam ao resultado e anunciaram que um novo conselho seria formado, e que quinze ministros, cinco presbíteros regentes e cinco mulheres já tinham concordado em servir nele”. (Austin, 1965, p. 46).

<sup>14</sup> “O seminário se envolveu nessa controvérsia devido ao fato de Machen ser membro do corpo docente, e Craig, membro do conselho administrativo”. (Austin, 1965, p. 49)

<sup>15</sup> Segundo Austin (1965, p. 43), “Na primavera de 1930, Machen, Samuel G. Craig e James F. Shrader, um administrador do seminário, fundaram um novo periódico conservador, o *Christianity Today*, para substituir o *The Presbyterian*, que tinha sido perdido pela causa conservadora. Craig havia servido como editor do *The Presbyterian*, mas seus vigorosos ataques sobre a reorganização de Princeton resultaram na sua demissão do cargo. Machen acreditava que a causa conservadora necessitava de uma publicação literária por meio da qual pudesse difundir seus pontos de vista, e convenceu Craig de que ele deveria editar o novo periódico”.

<sup>16</sup> “[...] Nossa divergência do Dr. Machen, não diz respeito à questão da atitude correta em relação ao modernismo na igreja presbiteriana, mas sim, à questão da forma pela qual esta atitude encontrará uma expressão mais eficaz”. (Craig, 1936, p. 195 apud Austin, 1965, p. 50)

<sup>17</sup> “A Associação de Alunos do seminário saiu em defesa da instituição e no seu encontro anual, em 11 de maio de 1936, aprovou com unanimidade a resolução: ‘A Associação de Alunos, vem por meio desta, registrar sua entusiasta aprovação da atual administração e política do Seminário Teológico de Westminster’”. (Rian, 2013, cap. 4)

<sup>18</sup> Segundo Rian (2013, cap. 4), “Era para ser apenas mais um seminário evangélico em geral, ou era para prosseguir seus princípios e representar o presbiterianismo, ou calvinismo, como o sistema de doutrina ensinado na Bíblia?” Sobre essa questão ver também Austin (1965, p. 57-77).

<sup>19</sup> Será utilizada a sigla IPA para fazer menção à Igreja Presbiteriana na América.

<sup>20</sup> “Na assembleia de organização foram Machen, Stonehouse, Woolley, Van Til e MacRae, do corpo docente de Westminster. Kuiper e Murray juntaram-se à igreja mais tarde. Do conselho administrativo foram Rian, Woodbridge, Clelland e Cummings. A primeira Assembleia Geral ordenou sete homens para o ministério, todos eles formados em Westminster”. (*Presbyterian Guardian*, 1936, p. 117 apud Austin, 1965, p. 57).

<sup>21</sup> “Pós-milenaristas geralmente acreditam que Deus está trabalhando através da história, preparando a terra para o Milênio, que é o reinado de 1000 anos de Cristo na terra. Pré-milenarismo [...] é a crença que a terra se tornará cada vez pior até o retorno de Cristo. Só então, com o Seu Retorno sobrenatural, será a aurora do milênio. Amilenarismo é a crença que as passagens apocalípticas da escritura discutindo um reinado milenar de Cristo na terra não são para ser tomadas literalmente. Amilenaristas, portanto, não são dados à especulação tampouco se interessam pelo fim dos tempos”. (Hankins, 2009, p. 84)

<sup>22</sup> Austin (1965, p. 59) afirma que, “O Seminário Teológico de Westminster não manifestou uma posição escatológica definida no momento de sua organização em 1929. Escatologia não era um problema na guerra contra o liberalismo [...]”.

<sup>23</sup> “O dispensacionalismo era uma versão do pré-milenarismo, a crença de que Cristo retornaria pessoalmente para fundar um reino em Jerusalém, onde ele reinará por mil anos. Esta doutrina também forneceu uma teoria geral da história, anunciando que a atual “era da igreja”, a sexta dispensação sobre a história do mundo, foi marcada pela deserção nas igrejas e o colapso moral da chamada ‘civilização cristã’. Assim, o dispensacionalismo previu o surgimento do modernismo e enfatizou a necessidade de lutar para preservar a verdadeira fé e a pureza pessoal. Essas ênfases também levaram os dispensacionalistas a um modo antimodernista de interpretar a Bíblia. Eles

insistiram na inerrância da Escritura e argumentaram que cada palavra era o mundo perfeito de Deus. Confiantes de que eles poderiam contar com os detalhes da Escritura, os dispensacionalistas ficaram fascinados com previsões específicas dos eventos cataclísmicos que marcaram o início do milênio, com base em interpretações literais das profecias bíblicas” (Marsden, 1995, p. 5). Segundo Cox, o movimento chamado de dispensacionalismo surgiu em meados do século XIX, na Inglaterra, no âmbito de um grupo chamado *Irmãos* ou *Irmãos de Plymouth*. Seu principal expoente foi John Nelson Darby. Essa concepção pré-milenarista foi popularizada nos EUA por Cyrus Ingerson Scofield e ganhou rapidamente a adesão de muitos líderes das igrejas americanas daquela época, dentre os quais Reuben A. Torrey, James M. Gray, William J. Erdman, A. C. Dixon, A. J. Gordon e Dwight L. Moody, este último, fundador do Instituto Bíblico Moody, escola teológica que passou a ser um dos grandes centros de doutrinação dispensacionalista nos Estados Unidos. Scofield deu grande contribuição para a difusão do pensamento dispensacionalista com a publicação da chamada *Bíblia de Referência de Scofield*, em 1909, a qual já vendeu mais de dois milhões de cópias desde então. (Cox, 1963, p. 13-16). Sobre o sistema dispensacionalista ver também Hankins (2009, p. 60-70) e Andrade (2012, p. 82).

<sup>24</sup> “Murray afirmou que o dispensacionalismo atual seria discutido, posteriormente, como um dos ‘substitutos modernos’ para a fé reformada”. (Austin, 1965, p. 60).

<sup>25</sup> A referência de Austin (1965) aos *liberais* não diz respeito àqueles religiosos alinhados com a teologia liberal ou neo-ortodoxa. Neste contexto, *liberais* diz respeito aos religiosos tidos pelos conservadores como sendo liberais, ou tão somente menos conservadores. Neste sentido, liberais e conservadores, são polos de um conflito que se dá no âmbito da ortodoxia presbiteriana da época, entre correntes igualmente conservadoras.

<sup>26</sup> “O ‘dispensacionalismo’, a que nos referimos como heterodoxo do ponto de vista da fé reformada, é aquela forma de interpretação muito popular na atualidade, que descobre nas diferentes dispensações da revelação redentora de Deus, princípios distintos, e até mesmo contrários do processo divino e, assim, destrói a unidade do relacionamento de Deus com a humanidade decaída”. (Murray, 1936, p. 143 apud Austin, 1965, p. 61)

<sup>27</sup> Sobre este esquema, ver Cox (1963, p. 17-29)

<sup>28</sup> “O comentário em relação ao ‘Dispensacionalismo da Scofield Bible’ é um ataque aos pré-milenaristas, tomando-os como heréticos. [...] Nós não somos capazes de conceber, em nosso próprio pensamento, como os amilenaristas podem dizer que concedem liberdade aos pré-milenaristas e, em seguida, condená-los, de tal forma, como hereges .... Nós não temos medo, no momento, a respeito do futuro dos direitos dos pré-milenaristas mas, acreditamos que, a menos que os amilenaristas cessem seus contínuos e velados ataques à posição pré-milenarista no que diz respeito à posição dispensacionalista, haverá uma expressiva união em nome dos pré-milenaristas na Igreja”. (McIntire, 1936, p. 4 apud Austin, 1965, p. 62)

<sup>29</sup> De acordo com Alan Keneth Austin, Paul Wooley, docente do STW desde a sua fundação, afirma que “[...] se a Bíblia não ensina que deve haver a aplicação de uma regulamentação nessa matéria, cada cristão deveria julgar, por si mesmo, como proceder em tais questões”. (Austin, 1965, p. 67)

<sup>30</sup> Segundo Austin (1965), Kuiper não menciona quem seriam essas “algumas pessoas”. Entendo que, dado o contexto, fosse uma reivindicação feita por membros da Igreja Presbiteriana da América.

<sup>31</sup> Embora McIntire e seus simpatizantes considerassem a posição do corpo docente do STW como sendo *contra* o fundamentalismo, o corpo docente do STW nunca assumiu para si tal posição neste conflito. Segundo Marsden (2007a, p. 163), “O corpo docente de Westminster sentiu que a acusação de que o seminário tinha cessado a luta contra o modernismo para voltar seus canhões contra o fundamentalismo era ‘ridícula’”.

<sup>32</sup> Naquele período, o que diferenciava os religiosos ditos fundamentalistas da chamada ortodoxia, era o caráter revivalista e as alianças interdenominacionais, traços marcantes das instituições consideradas fundamentalistas. Todavia, em face de novas categorias sociológicas para os estudos do fundamentalismo religioso nos Estados Unidos, tal como a noção de ‘guerra de cultura’, pode-se afirmar que o Seminário Teológico de Westminster se caracteriza como uma instituição fundamentalista. Isto porque, embora estas correntes teológicas conservadoras possam considerar-se, entre si, mais ou menos ortodoxas em virtude de suas práticas ou mesmo de suas teologias, elas possuem igualmente o objetivo de fazer com que os valores religiosos e morais defendidos pelos seus respectivos representantes tornem-se hegemônicos, conquistando assim, o poder de estabelecer os princípios que orientem o estar-junto coletivo e fundamentem as leis e as políticas públicas. Neste sentido, os fundamentalistas são definidos mais pelas suas agendas religioso-

---

políticas conservadoras fundadas no primado da Escritura, do que pelas suas diferenças teológicas. Sobre a noção de ‘guerra de cultura’ ver: Hunter, James Davison. *Culture Wars: the struggle to define America*. New York: Basic Books, 1991.

<sup>33</sup> Machen foi presidente do *Independent Board* desde a sua fundação em 1933. Na assembleia de novembro de 1936 seu nome foi novamente sugerido para reeleição, porém, o grupo da oposição era contra a sua permanência, e de seu grupo, no controle da organização. Foi então eleito, pela maioria que representava a oposição, o reverendo Harold S. Laird, pastor da *First Independent Church of Wilmington* de Delaware. A partir deste momento, o grupo de Machen, que representava o corpo docente do STW perde o controle do *Independent Board* para o grupo liderado por McIntire e MacRae. (Marsden, 2007a)

<sup>34</sup> “Em 8 de junho de 1937, na reunião do corpo docente, adotou-se uma instrução sobre a questão da bebida. Eles advertiram os alunos quanto ao consumo de bebidas alcoólicas, exortando-lhes as admoestações da Bíblia de caminhar prudentemente, e de cuidar para que não fizessem nada que pudesse levar um irmão mais fraco a tropeçar. O corpo docente concluiu que eles acreditavam que o estabelecimento de uma regra era desnecessário, ‘no entanto, para evitar equívocos por parte do público, nós estabelecemos uma regra que proíbe todo consumo de bebidas alcoólicas no espaço e nas instalações do Seminário’”. (Austin, 1965, p. 74-75).

<sup>35</sup> Anos depois, a Igreja Presbiteriana da América virá a ser Igreja Presbiteriana Ortodoxa, tal como permanece até os dias atuais.

<sup>36</sup> É com base nessa origem que, em questões de orientação ética e moral, os adeptos dessa tradição atribuem a si a legitimidade de estabelecer as normas e preceitos para os cristãos americanos, na medida em que consideram a sua perspectiva a única dotada de verdadeira autenticidade do ponto de vista da cultura religiosa que fundou a nação.

<sup>37</sup> “Como membros da tradição cultural dominante na América, todos os principais protagonistas da controvérsia presbiteriana se esforçaram enormemente não apenas para defender seus pontos de vista teológicos e eclesiológicos particulares, mas também, para manter a influência do cristianismo na cultura dramaticamente transformada e em rápida mudança no pós primeira Guerra Mundial na América”. (Longfield, 1991, p. 224)

<sup>38</sup> Sobre as correntes fundamentalistas reformista e reconstrucionista ver: SOUZA, Andréa Silveira de. O legado fundamentalista do Seminário Teológico de Westminster: reformistas x reconstrucionistas no espaço público americano. 2017. Tese (Doutorado em Ciência da Religião) – Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2017.

Recebido em 31/07/2017, revisado em 10/01/2018, aceito para publicação em 29/01/2018.